

ASCARIDIOSE EM ÉGUAS DA RAÇA CRIOULA NA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

Júlia Lignon ¹

Natália Soares Martins ²

Laís Leal da Cunha ³

Gabriela Garcia Fuentes ⁴

Tatiana de Ávila Antunes ⁵

Diego Moscarelli Pinto ⁶

Resumo:

Os endoparasitos são uma ameaça frequente para a saúde e bem-estar dos equinos. Os mesmos são hospedeiros de uma grande variedade de helmintos gastrintestinais, e isso está relacionado com o fato de grande parte da criação equina no país ainda é realizada de maneira extensiva, onde esses animais permanecem no campo durante o ano todo e isso favorece as constantes infecções por parasitos presentes nas pastagens. Segundo a literatura, a infecção de cavalos adultos por *Parascaris* spp. é rara, sendo considerado o parasita mais importante dos animais jovens, principalmente os lactentes e desmamados. As infecções por *Parascaris* spp., têm distribuição mundial e possuem grande importância econômica, pois os animais parasitados apresentam crescimento abaixo do normal, devido à interferência na digestão e absorção de alimentos, e ocasionalmente, podem causar obstrução intestinal, cólica, ruptura do órgão e peritonite com eventual morte do animal. O objetivo do presente estudo foi avaliar a frequência de *Parascaris* spp., em éguas crioulas em idade reprodutiva de propriedades localizadas na região sul do Rio Grande do Sul. O presente estudo foi realizado entre os meses de agosto de 2017 e agosto de 2018, com amostras obtidas através do banco de dados do laboratório do Grupo de Estudos em Enfermidades Parasitárias (GEEP) da Faculdade de Veterinária na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Foram utilizadas 88 amostras de fezes de éguas da raça Crioula, em idade reprodutiva, recebidas de criatórios e centros reprodutivos localizados na região de Pelotas no Rio Grande do Sul, Brasil. As amostras foram analisadas pela técnica de Gordon e Whitlock (1939). Das 88 éguas avaliadas, 28 apresentaram-se positivas para *Parascaris* spp., representando uma frequência (média geral) de 31,8% dos animais. Por meio deste estudo, os resultados indicam que o *Parascaris* spp., foi observado em uma frequência relativamente alta nas éguas das propriedades analisadas. O conhecimento do status parasitológico dos criatórios de equinos é fundamental, pois permite determinar estratégias de controle, reduzindo assim os prejuízos causados pelas parasitoses.

Palavras-chave: Equinocultura, endoparasitos, *Parascaris* spp.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

ASCARIDIOSE EM ÉGUAS DA RAÇA CRIOULA NA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

¹ Aluno de graduação. julialignon@gmail.com. Autor principal

² Aluna de Pós-graduação. nataliamartins@gmail.com. Co-autor

³ Aluno da graduação. kykalc@gmail.com. Co-autor

⁴ Aluna de graduação. gabrielagfuentes@gmail.com. Co-autor

⁵ Aluno de Pós-graduação. tatdavila@gmail.com. Co-autor

⁶ Docente. dimoscarelli@yahoo.com.br. Orientador

ASCARIDIOSE EM ÉGUAS DA RAÇA CRIOLA NA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

1 INTRODUÇÃO

Os endoparasitos são uma ameaça frequente para a saúde e bem-estar dos equinos, em particular dos animais jovens, visto que podem ocasionar síndrome cólica, uma importante causa de mortalidade em cavalos (MADEIRA DE CARVALHO, 2006). Os equinos são hospedeiros de uma grande variedade de helmintos gastrintestinais, e o fato de grande parte da criação equina brasileira ser realizada de maneira extensiva, onde os animais permanecem a pasto durante todo o ano, favorecem as constantes infecções por parasitos presentes nas pastagens (MOLENTO, 2005). A presença de *Parascaris* spp., causador de ascaridiose em equinos, é mais comumente descrita em animais de até aproximadamente 12 meses de idade, sendo os lactentes e desmamados os mais sensíveis (LYONS et al., 2011). Segundo Laugier et al., (2012), a infecção de cavalos adultos é rara, sendo considerado o parasita mais importante dos animais jovens.

As infecções por *Parascaris* spp., têm distribuição mundial e possuem grande importância econômica, pois os animais parasitados apresentam crescimento abaixo do normal, devido à interferência na digestão e absorção de alimentos, e ocasionalmente, podem causar obstrução intestinal, cólica, ruptura do órgão e peritonite com eventual morte do animal (RIET-CORREA, 2007; CABAÇO, 2014).

Vale ressaltar que as fêmeas de *Parascaris* spp., podem eliminar até 200 mil ovos por dia, e estes permanecem viáveis por muito tempo no ambiente (RIET-CORREA et al., 2007), por essa razão, uma das principais fontes de infecção para os potros são as pastagens ou cocheiras utilizadas anteriormente por outros potros ou até mesmo pelas éguas (FRASER, 1996).

Uma vez que animais adultos podem ter o papel de reservatórios assintomáticos dos parasitos, transmitindo-os e causando perdas produtivas aos animais jovens, o objetivo do presente estudo foi avaliar a frequência de *Parascaris* spp., em éguas crioulas em idade reprodutiva de propriedades localizadas na região sul do Rio Grande do Sul.

2 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado entre os meses de agosto de 2017 e agosto de 2018, com amostras obtidas através do banco de dados do laboratório do Grupo de Estudos em Enfermidades Parasitárias (GEEP) da Faculdade de Veterinária na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Foram utilizadas 88 amostras de fezes de éguas da raça Crioula, em idade reprodutiva, recebidas de criatórios e centros reprodutivos localizados na região de Pelotas no Rio Grande do Sul, Brasil. As amostras foram analisadas pela técnica de Gordon e Whitlock (1939).

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Os resultados da frequência relativa de *Parascaris* spp., nos animais avaliados estão expressos na tabela 1.

Tabela 1. Frequência relativa de *Parascaris* spp., em éguas em idade reprodutiva em propriedades localizadas na região de Pelotas/RS.

Propriedade	Número de amostras	Positivas	Frequência Relativa (%)
1	8	4	50%
2	11	2	18%
3	11	2	18%
4	10	4	40%
5	15	3	20%
6	27	9	33,3%
7	6	4	66,6%
Total	88	28	31,8%

Fonte: do autor, 2018.

Das 88 éguas avaliadas, 28 apresentaram-se positivas para *Parascaris* spp., representando uma frequência (média geral) de 31,8% dos animais.

Os altos índices, tanto na “propriedade 1” quanto na “propriedade 7”, estão relacionados com manejo local, sendo regiões extremamente pequenas onde os animais ficam agrupados no mesmo piquete, o que favorece sua reinfecção. O tratamento anti-helmíntico nestas propriedades é realizada a cada três meses, assim a alta frequência pode ser um indicativo de resistência parasitária. Na “propriedade 4”, o espaço destinado para criação dos equinos é restrita devido a utilização dos piquetes para o plantio de soja. Além disso, a evermifugação dos animais deste local é realizada duas vezes ao ano. Em nenhuma das propriedades avaliadas há separação de lotes por idade, o que também favorece a infecção de animais mais jovens pelas éguas.

Em um estudo semelhante de Cabaço (2014), registaram-se ascarídeos em apenas 10% das éguas, em todos os potros lactentes e em 67% dos potros de um a dois anos de idade na Coudelaria de Serpa, Portugal. O mesmo estudo ainda registrou ascarídeos em 21% das éguas, em 80% dos potros lactentes e em 55% dos potros de um a dois anos na Coudelaria de Azambuja, Portugal. Neste trabalho, éguas e potros lactentes foram mantidos no mesmo piquete, o que pode ter favorecido a alta frequência de infecção dos filhotes através das éguas. Trabalhos de Tolliver et al. (1987) e Cyrak et al. (1996) encontraram frequências mais altas em éguas, com 50% e 56%, respectivamente. A discrepância nos resultados entre os estudos pode estar associada com diferenças climáticas, o manejo adotado em relação à higiene das pastagens e com o controle químico empregado.

Sabe-se que as infecções por *Parascaris* spp., são mais graves em animais jovens e as éguas constituem a principal fonte de contaminação das pastagens, influenciando diretamente a infecção dos seus potros desde a primeira semana de vida, quando iniciam a ingestão de pasto (MADEIRA DE CARVALHO, 2006). Portanto, conhecer a ocorrência deste ascarídeo nas éguas é de suma importância para que se possam traçar estratégias de controle, reduzindo a população parasitária, e consequentemente a infecção dos animais. É necessário que se faça melhor controle quanto ao método de tratamento utilizado e a escolha correta do produto. Além disso, é possível realizar rotação com outras espécies de animais, integrar lavoura e pecuária e monitorar frequentemente o rebanho com exame coprológico a fim de minimizar a disseminação e controlar as infecções por esse helminto (MOLENTO, 2005).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, os resultados indicam que o *Parascaris* spp., foi observado em uma frequência relativamente alta nas éguas das propriedades analisadas. O conhecimento do status parasitológico dos criatórios de equinos é fundamental, pois permite determinar estratégias de controle, reduzindo assim os prejuízos causados pelas parasitoses.

REFERÊNCIAS

- CABAÇO, B. M. M. F. G. **Epidemiologia e controlo de helmintes intestinais em éguas e poldros puro sangue lusitano em regime de manejo extensivo no Ribatejo e no baixo Alentejo**. Dissertação de mestrado integrado em Medicina Veterinária. Faculdade de Medicina Veterinária. Universidade Técnica de Lisboa. 2014. 188p.
- COSTA, R. B. da. **Caracterização do parasitismo gastrintestinal em cavalos de desporto e lazer no distrito de Coimbra**. Dissertação de mestrado integrado em Medicina Veterinária. Faculdade de Medicina Veterinária. Universidade Técnica de Lisboa. 2011. 108p.
- CYRAK, V.Y., HERMOSILLA, C. & BAUER, C. Study on the gastrointestinal parasite fauna of ponies in northern Germany. **Applied Parasitology**, v. 37, p. 239-244, 1996.
- DURO, L. S. L. S. **Parasitismo gastrintestinal em animais da quinta pedagógica dos olivais. Especial referência aos mamíferos ungulados**. 2010. 135f. Dissertação de mestrado integrado em Medicina Veterinária – Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2010.
- FRASER, C. M. **Manual Merck de Veterinária**: um manual de diagnóstico, tratamento, prevenção e controle de doenças para o veterinário. 7. ed. São Paulo: Roca, 1996.
- GORDON, H. M.; WHITLOCK, H. U. A. New technique for counting nematode eggs in sheep feces. **Journal Council Scientific Industry Research**, v.12, p. 5052, 1939.
- LAUGIER, C.; SEVIN, C.; MÉNARD, S.; MAILLARD, K. Prevalence of *Parascaris equorum* infection in foals on French stud farms and first report of ivermectin-resistant *P. equorum* populations in France. **Veterinary Parasitology**. 188,185– 189, 2012.
- LYONS, E. T.; TOLLIVER, S. C.; KUZMINA, T. A.; COLLINS, S. S. Further evaluation in field tests of the activity of three anthelmintics (fenbendazole, oxiabendazole, and pyrantel pamoate) against the ascarid *Parascaris equorum* in horse foals on eight farms in Central Kentucky (2009–2010). **Parasitology Research**, 109:1193–1197, 2011.
- MADEIRA DE CARVALHO, L. M. (2006). **Estrongilidose dos Equídeos - Biologia, Patologia, Epidemiologia e Controlo**. In Memoriam Prof. Ignacio Navarrete López-Cózar, 277-326. (J. Tovar, & D. Reina, Eds.) Cáceres, España: Facultad de Veterinaria.
- MOLENTO, M. B. Parasite resistance on helminths of equids and management proposals. **Ciência Rural**, v.35, n.6, p.1469-1477, 2005.
- RIET-CORREA F., SCHILD A.L., LEMOS R.A.A. & BORGES J.R.J. (Eds). (2007). **Doenças de Ruminantes e Equídeos**. Vol. 2. 3ª ed. Palotti, Santa Maria.

TOLLIVER, S.C.; LYONS, E.T.; DRUDGE, J.H. Prevalence of internal parasites in horses in critical tests of activity of parasiticides over a 28 year period (1956 - 1983) in Kentucky. **Veterinary Parasitology**, v.23, p.273-284, 1987.